

## Entrevista

---

# Desafios e limites da internacionalização da História da Ciência e da Tecnologia. Entrevista com Ana Carneiro

Challenges and limits of internationalization of the History of Science and Technology. Interview with Ana Carneiro

Eliane Cristina Deckmann Fleck<sup>1</sup>

ecdfleck@terra.com.br

Heloisa Meirelles Gesteira<sup>2</sup>

heloisagesteira@mast.br

Lorelai Brilhante Kury<sup>3</sup>

lolakury@gmail.com

Ana Carneiro, professora associada do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, é uma das principais historiadoras das ciências em Portugal. Seu percurso é bastante interessante, até porque sua formação inicial foi em Química (UL, 1981), tendo se interessado pela história dessa disciplina. Seu doutoramento foi feito em História das Ciências na Universidade de Kent, Grã-Bretanha, em 1992. Ela soube usar seus conhecimentos específicos em um ramo das ciências atuais, aliados aos métodos históricos, sem que fosse tentada a fazer uma história linear e progressiva da química e da geologia. Uma das principais características de sua atuação na área de história das ciências é o fato de inserir suas pesquisas em comunidades internacionais, sem perder sua identidade portuguesa.

Ana Carneiro é membro fundador do grupo de investigação STEP - *Science and Technology in the European Periphery*,<sup>4</sup> que vem renovando os debates historiográficos. O STEP busca, por um lado, atentar para a especificidade das diferentes experiências europeias e, por outro lado, estabelece comparações entre situações históricas semelhantes vivenciadas por diferentes países, tendo em vista estabelecer discussões que ultrapassem o âmbito nacional. Ana Carneiro recentemente passou a editar o *HoST - Journal of History of Science and Technology* - periódico online, editado em Portugal, em inglês.

Entre os diversos trabalhos científicos publicados pela entrevistada, podemos citar: *Cidadão do mundo. Uma biografia científica do Abade Correa da Serra* (Simões et al., 2006), "Outside Government Science, 'Not a Single Tiny Bone to Cheer Us

<sup>1</sup> Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio Sinos. Pesquisadora do CNPq.

<sup>2</sup> Pesquisadora titular do Museu de Astronomia e Ciências Afins.

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz e do Departamento de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Pesquisadora do CNPq.

<sup>4</sup> Uma lista ampla de artigos e livros relacionados ao Step pode ser encontrada na página: <http://bdrupal.hicido.uv.es/>

Up!’ The Geological Survey of Portugal (1857-1908), the Involvement of Common Men, and the Reaction of Civil Society to Geological Research” (Carneiro, 2005) e *Travels of Learning. Towards a Geography of Science in Europe* (Simões *et al.*, 2003).

Atualmente, Ana Carneiro está finalizando um estudo sobre os serviços geológicos portugueses nos séculos XIX e XX, juntamente com Teresa Salomé Mota e Vanda Leitão.

A entrevista que segue foi, gentilmente, concedida – por *e-mail* – às organizadoras do dossiê História e Ciência e apresenta alguns aspectos da atuação da historiadora, em um momento que se caracteriza por uma intensa aproximação entre investigadores brasileiros e portugueses no âmbito da história das ciências e da tecnologia.

**História Unisinos:** Você acredita que a historiografia das ciências e das técnicas atual poderia ser classificada pela nacionalidade de seus escritores? Há uma história das ciências internacional? Há uma história das ciências europeia?

**Ana Carneiro:** Depende do que se entende por classificada. Se classificada se refere à qualidade dos historiadores, penso que não, já que a qualidade destes não se mede pela sua nacionalidade; se diz respeito ao tipo de problemáticas tratadas e às abordagens utilizadas, penso que existem orientações historiográficas distintas geradas por tradições intelectuais específicas. Por exemplo, existem opções teóricas e metodológicas marcadas pela tradição francesa que são distintas das anglo-americanas, embora haja, naturalmente, pontos de convergência e de entrecruzamento com benefícios mútuos. Claro que este diálogo só é possível quando os historiadores da ciência adoptam uma posição de abertura a autores e ideias pertencentes a tradições intelectuais diferentes e com opções diversas das suas. Com isso, não estou a defender um eclectismo acrítico, ou a adopção de correntes historiográficas apenas porque nos parecem estar na moda, mas uma tomada de consciência da pluralidade de abordagens, tantas vezes decorrentes da natureza do próprio objecto de estudo. Isolacionismo defensivo e provinciano, ou atitudes paternalistas ou de uma certa sobrançeria intelectual não serão, decerto, proveitosos ao desenvolvimento da área, de um ponto de vista global.

Se por internacional se entende que existem padrões internacionais de prática nesta área do conhecimento, definidos pela comunidade de historiadores da ciência e da tecnologia, parece-me evidente que sim. É assim com todas as áreas do conhecimento. Também me parece um dado adquirido que há países que, por razões históricas, lideram a cena internacional. Entre essas razões, contam-se: uma longa tradição da própria área; uma

produção vasta de estudos históricos e uma comunidade de historiadores da ciência e da tecnologia consolidada. É, pois, natural que sejam mais activos do ponto de vista da reflexão historiográfica e mais influentes na definição de padrões do que é aceitável em termos de qualidade.

Certamente, este facto não é isento de problemas, na medida em que os historiadores dos países liderantes tendem, por vezes, a ver a ciência praticada em outros países segundo a sua perspectiva e, até, os seus próprios preconceitos. Esta situação, no entanto, tem vindo a melhorar nos últimos anos, em resultado da internacionalização da história da ciência e da tecnologia de países como Portugal e Brasil, nomeadamente através de artigos publicados em revistas especializadas internacionais.

Se há uma história das ciências europeia, é difícil responder. Apesar de haver traços comuns, a Europa não é uma entidade homogénea, pelo que também aqui há que ter em conta a diversidade de práticas científicas e históricas. Agora, se pensarmos que há uma produção histórica sobre a ciência e a tecnologia tal como foram praticadas na Europa, então poderemos dizer que há uma história das ciência e da tecnologia europeias, mas enquanto corpo de conhecimento histórico.

**História Unisinos:** A língua inglesa é uma barreira ou um veículo que possibilita contactos?

**Ana Carneiro:** É as duas coisas. É uma realidade que o inglês é a língua dominante de comunicação e não se pode ignorar este facto sob pena de ficarmos isolados, sem acesso à bibliografia, sem possibilidade de dialogar com colegas de outros países e de poder dar a conhecer as nossas investigações. Claro que representa um esforço adicional considerável, sobretudo no que se refere à escrita de artigos ou de livros, mas, quanto a isto, não haverá nada que possamos fazer. No entanto, se dominarmos o inglês minimamente e, idealmente, até uma segunda ou terceira língua estrangeira para além da nossa, temos a vantagem sobre os historiadores de língua inglesa, frequentemente limitados à sua própria língua, de acedermos a fontes que lhes estão vedadas por razões linguísticas e, assim, enriquecermos a literatura internacional no que se refere à história das ciências e da tecnologia com estudos respeitantes a realidades científicas e tecnológicas menos conhecidas ou até desconhecidas.

**História Unisinos:** Você identifica algum tipo de interesse pela história das ciências em Portugal por parte de historiadores de outras nacionalidades? E pela história do Brasil?

**Ana Carneiro:** Não há uma resposta única a esta pergunta. É variável. Há alguns historiadores que genuinamente se interessam, sobretudo de países que estão ainda a

desenvolver a área e que, de algum modo, se sentirão irmanados com os historiadores portugueses e sul-americanos. Refiro-me, concretamente, a gregos, espanhóis, italianos, holandeses, belgas, suecos, que integram o STEP (*Science and Technology in the European Periphery*) e os ToE (*Tensions of Europe*). Em países onde a área está há muito implantada, há historiadores que manifestam o seu interesse com sinceridade, por vezes dando indicações úteis, ou pondo-nos em contactos com colegas que desenvolveram temáticas semelhantes, ou simplesmente, seguindo o que vamos publicando e solicitando a nossa colaboração em iniciativas suas. Outros há que o fazem apenas por delicadeza ou por paternalismo. Evidentemente, estou a falar da minha experiência e do que tenho observado. Neste capítulo, não me parece que a atitude em relação a Portugal seja diferente relativamente ao Brasil. Penso que o esforço dos historiadores em ambos os países de darem a conhecer à comunidade internacional os trabalhos realizados tem sido decisivo em despertar esse interesse que tem vindo a crescer.

**História Unisinos:** Além de uma certa dificuldade de os países que lideram a cena internacional valorizarem a ciência praticada em países, digamos, periféricos, não há, ao mesmo tempo, narrativas históricas dentro da própria História da Ciência e da Tecnologia que reforçam essa perspectiva que precisam ser questionadas?

**Ana Carneiro:** Penso que sim. Inclusivamente, na história da ciência e da tecnologia dos próprios países ditos periféricos, quando adoptam uma perspectiva de grande negativismo, argumentando-se que esses países não geraram alguém do calibre de Newton ou de Einstein; no lado oposto do espectro, quando é perfilhada a ideia de que esses mesmos países produziram 'génios' incompreendidos, infelizmente desvalorizados e ignorados na cena internacional. Qualquer delas tem efeitos nefastos, pois constituem obstáculos à compreensão do modo como os 'países periféricos' se apropriaram da ciência e da tecnologia e as utilizaram nos seus discursos sobre os fenómenos naturais, na solução de problemas práticos, ou seja, como as integraram nas suas culturas, nomeadamente, em ideologias e utopias de desenvolvimento económico, social e cultural, tantas vezes defendidas por movimentos intelectuais e políticos; concomitantemente, como materializaram esses mesmos entendimentos da ciência e da tecnologia e do seu papel.

**História Unisinos:** Gostaríamos que você falasse de sua experiência como editora de periódicos voltados para a área de História das Ciências. Quais são as maiores dificuldades? Como se elegem as temáticas de cada número especial? Como vocês lidam com a *peer review*, caso haja discrepância ou conflito?

**Ana Carneiro:** Em primeiro lugar, gostaria de esclarecer que a minha experiência de edição de periódicos é diminuta. Limita-se à *HoST - Journal of History of Science and Technology*, revista online de acesso livre, publicada em inglês, duas vezes por ano. Apesar de ser um trabalho que me dá muito gosto, deparo-me com problemas difíceis de resolver. Entre eles, deverei referir a dificuldade em manter a regularidade. Seja por razões culturais, ou por estarmos cada vez mais reféns de novas formas de burocracia informática, que não param de se replicar, consumindo tempo e paciência, é difícil as pessoas cumprirem prazos, a começar pelos mais próximos, infelizmente; outra dificuldade associada a essa, é o facto de a revista não estar ainda indexada.

Embora haja essa intenção, ela fica gorada, à partida, pela incapacidade de publicar a revista regularmente. Nesse quadro, fica apenas a generosidade dos autores que nos submetem os artigos, pois não tiram dividendos académicos pelo facto de publicarem na *HoST*. Esta situação é tanto mais difícil quanto, neste momento, é exigida uma produção quase em série para satisfazer as inúmeras avaliações a que todos estamos sujeitos, infelizmente privilegiando a quantidade mais do que a qualidade. Ainda no capítulo das dificuldades, não posso deixar de referir que, embora a revista não tenha grandes despesas, as que tem serão impossíveis de manter, caso não haja financiamento dos centros de investigação que sustentam a *HoST*. Dada a grave situação financeira do país, este é um cenário cada vez mais provável.

Quanto às temáticas, a comissão editorial selecciona os temas depois de sondar os colegas ligados à organização de *workshops*, muitas vezes realizados no âmbito da *HoST*, mas também sessões e simpósios organizados no seio de outros eventos.

Relativamente ao *peer-reviewing*, tentamos convidar colegas nacionais e estrangeiros, especializados na área dos artigos submetidos, mas também aqui nem sempre é fácil as pessoas aceitarem, embora globalmente esteja satisfeita com a colaboração prestada até aqui. Se há uma discrepância entre *reviewers*, caberá ao editor da revista, ou mesmo ao seu corpo editorial, decidir. Não posso dizer que tenha acontecido com frequência; em geral, os *reviewers* não têm diferido muito nas suas apreciações.

**História Unisinos:** No caso dos jovens pesquisadores, é comum perceber que buscam os temas da moda para melhor se estabelecerem. É possível ter autonomia de temas e de interpretações? Por que canais as diferenças podem se manifestar?

**Ana Carneiro:** Não tenho ideia de que sejam só os jovens. Parece-me que tem mais a ver com a postura de cada historiador do que com a sua idade. Relativamente à autono-

mia, penso que não só é possível ter autonomia de temas e interpretações como desejável. É mais difícil, é certo, porque exige que se explique mais detalhada e convincentemente a pertinência de um tema e os fundamentos das interpretações. Os canais poderão ser os seminários, por exemplo, que são ótimos para testarmos aquilo que pensamos e defendemos antes de publicarmos; mas também nas publicações, se estivermos convictos da solidez do trabalho realizado, preparados para o debate e a possibilidade de rejeição.

**História Unisinos:** Para finalizar, gostaríamos de saber quais são os seus futuros projetos, tanto em termos de investigação, quanto de publicação, e, ainda, quais as investigações que vem realizando atualmente, em parceria ou não com outros investigadores europeus ou brasileiros.

**Ana Carneiro:** Nos últimos anos, tenho trabalhado mais a história da geologia do século XIX, o que deu origem a diversas publicações. Recentemente, com as minhas colegas Ana Simões e Maria Paula Diogo, colaborei numa história da Faculdade de Ciências. Esse trabalho e uma

outra colaboração, desta vez com Isabel Amaral, no âmbito do projecto *Sites of Chemistry*, que iremos submeter para publicação, conduziram-me a um outro interesse que é a relação entre ciência, ideologia e política, entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Neste momento, estou a delinear o modo como irei tratar este tema e quais os casos concretos que irei estudar.

## Referências

- CARNEIRO, A. 2005. Outside Government Science, 'Not a Single Tiny Bone to Cheer Us Up!' The Geological Survey of Portugal (1857-1908), the Involvement of Common Men, and the Reaction of Civil Society to Geological Research. *Annals of Science*, **62**:141-204.
- SIMÕES, A.; DIOGO, M.P.; CARNEIRO, A. 2006. *Cidadão do mundo. Uma biografia científica do Abade Correa da Serra*. Porto, Porto Editora, 185 p.
- SIMÕES, A.; CARNEIRO, A.; DIOGO, M.P. (eds.). 2003. *Travels of Learning. Towards a Geography of Science in Europe*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 353 p.

Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Universidade do Vale do Rio Sinos  
Av. Unisinos, 950, Cristo Rei  
93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil

Heloisa Meirelles Gesteira  
Museu de Astronomia e Ciências Afins  
Museu Rua General Bruce, 586, Bairro Imperial de São  
Cristóvão  
20291-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Lorelai Brilhante Kury  
Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz  
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da  
Saúde  
Av. Brasil, 4036, 4º andar, Sala 417, Manguinhos  
21040-361, Rio de Janeiro, RJ, Brasil